



Data: 22.05.2020

Título: Carlos Neto.

Pub:



QuickCom
comunicação integrada

Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Destaque

Pág: 1;18;19;20;21;22;23

Área: 4956cm² / 82%

Tiragem: 16.000
FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6847702

*Grande entrevista a Carlos Neto,
professor e investigador*

“Brincar é uma excelente forma de conquistar imunidade”

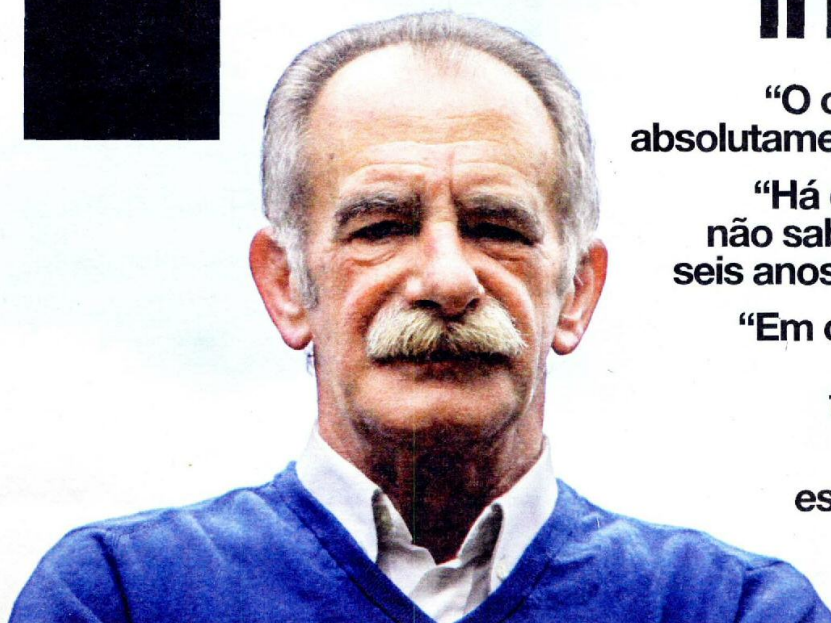
“O contacto físico é uma categoria absolutamente essencial na vida humana”

“Há crianças que não sabem saltar, não sabem correr. Chegam aos cinco, seis anos e não sabem atar os sapatos”

“Em certas famílias, o confinamento foi um inferno, para outras foi uma grande aprendizagem”

“Os países que já voltaram às escolas estão a usar a estratégia de ter as aulas ao ar livre”

// PÁGS. 18-23





Data: 22.05.2020

Título: Carlos Neto.

Pub:

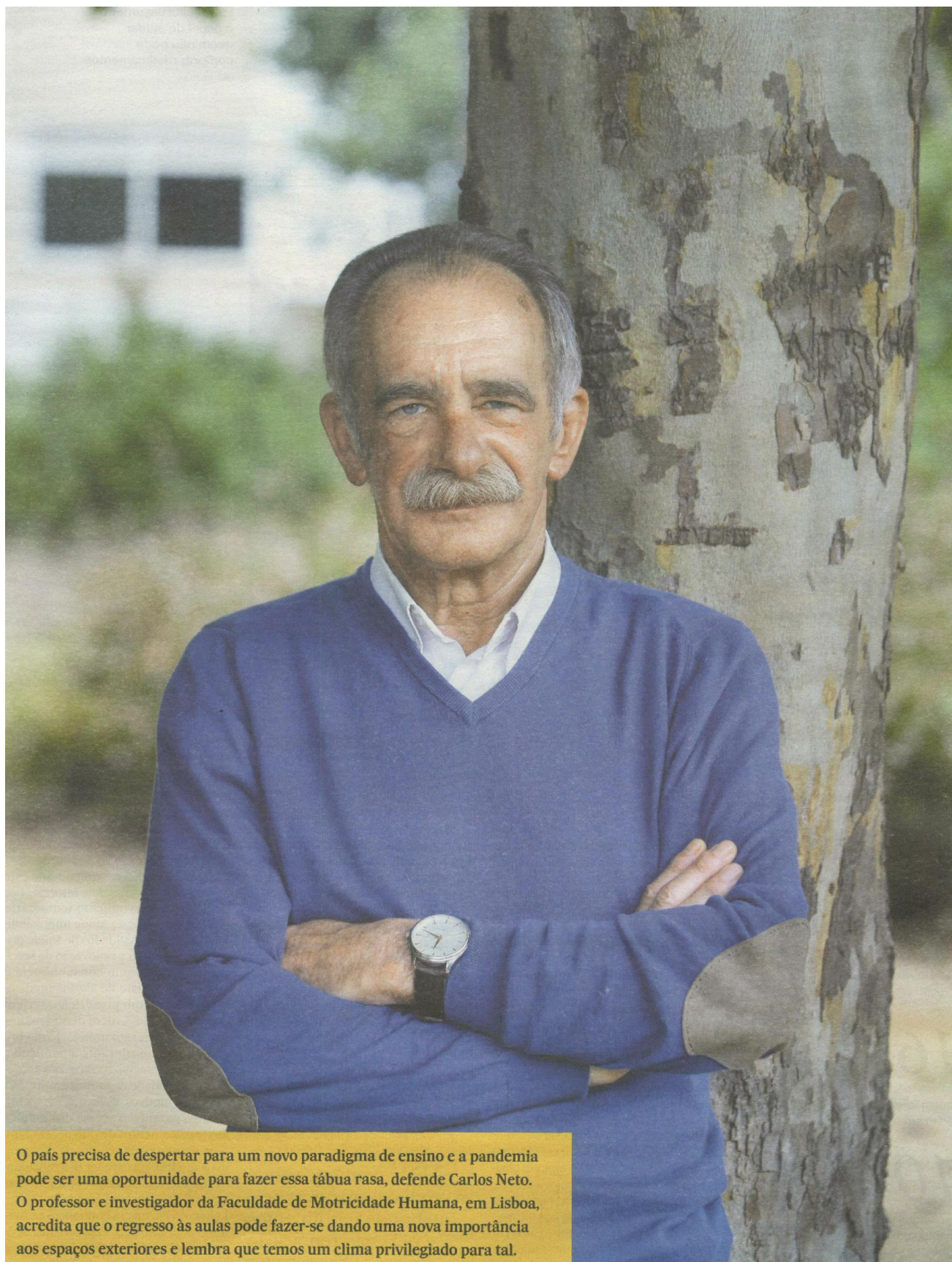


QuickCom
comunicação integrada

Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Destaque

Pág: 1;18;19;20;21;22;23



O país precisa de despertar para um novo paradigma de ensino e a pandemia pode ser uma oportunidade para fazer essa tábua rasa, defende Carlos Neto. O professor e investigador da Faculdade de Motricidade Humana, em Lisboa, acredita que o regresso às aulas pode fazer-se dando uma nova importância aos espaços exteriores e lembra que temos um clima privilegiado para tal.

Área: 4956cm² / 82%

FOTO Tiragem: 16.000

Cores: 4 Cores

ID: 6847702



Data: 22.05.2020

Título: Carlos Neto.

Pub:



Tipo: Jornal Nacional Diário

QuickCom
comunicação integrada

Secção: Destaque

Pág: 1;18;19;20;21;22;23

Carlos Neto. “Decreto o estado de emergência para brincar na infância”

Carlos Neto está preocupado com o desenvolvimento motor e emocional das crianças mas também esperançoso sobre um novo paradigma de ensino.

MARIANA MADRINHA (Texto)
mariana.madrinha@ionline.pt
BRUNO GONÇALVES (Fotografia)
bruno.goncalves@ionline.pt

Defende que brincar ao ar livre é a solução para o regresso às aulas. Porquê?

Brincar é um comportamento fundamental, não é um comportamento opcional. É um comportamento também ancestral, o que significa que todos os seres humanos, independentemente da cultura, do espaço geográfico, todos brincaram. Sempre se brincou na história e o homem, como animal, brinca na infância durante um longo período de tempo. E isso dá-nos a possibilidade de termos mecanismos adaptativos únicos. Depois de estar em confinamento durante um longo período de tempo, as crianças vão necessitar de despendir muita energia, vão precisar de estar com os amigos. E vão precisar de estar numa escola que tenha um novo significado para o seu desenvolvimento. Ontem (dia 19 de maio), uma colega minha [Margarida Gaspar de Matos] publicou um estudo do Health Behaviour in School-aged Children (HABS), feito de quatro em quatro anos pela Organização Mundial da Saúde, que concluiu que só 9,5% de crianças e jovens gostam da escola. Por outro, sabemos que os níveis de atividade física são muito baixos: cerca de 70 a 80% das crianças não são ativas o suficiente para poderem ter uma vida saudável. E temo que neste momento estejamos a viver uma situação deplorável do ponto de vista da saúde física e da saúde mental. Se antes da pandemia já tínhamos um problema sério sobre a autonomia das crianças e se havia falta de liberdade para brincar, e de terem aquilo que eu chamo o confronto com o risco e a adversidade, hoje em dia a situação está ainda bem pior.

Esta bolha do confinamento veio potenciar essas tendências?

Exatamente. Ter mais aulas ao ar livre e em espaços exteriores, com mais contacto com a natureza, quer ao nível das escolas quer à volta, penso que será agora a melhor solução para combater isso. E para integrar as crianças no meio escolar. A escola não é só a sala de aula. Esse é o modelo tradicional, conservador, que considera que a aprendizagem só se faz dentro da sala de aula. Não é verdade. Temos que construir um novo paradigma de ensino, que seja mais participativo no sentido de que as crianças e jovens tenham possibilidade de ter mais curiosidade,

que seja mais baseado nas experimentação, na capacidade de resolução de problemas e que traga cooperação. E também será importante as escolas fazerem um cruzamento de saberes no sentido de darem respostas às diferentes crianças que têm, e não apenas um modelo que seja demasiado estruturado e que dê respostas iguais para todos.

A pandemia pode ser uma oportunidade para se repensarem os modelos e para se mudar o paradigma para esse que descreve e que defende e investiga há tanto tempo?

Acho que sim. Vamos necessitar de viver com a incerteza e nada vai ficar como dantes. Vivemos um tempo de exceção, que pode trazer o aparecimento de uma nova era e civilização. Acho que estamos perante um período de transição, no caminho entre, por um lado, querer regressar à natureza, viver mais devagar, e a aprender a ter mais noção do

“Se antes da pandemia já tínhamos um problema sério sobre a autonomia das crianças, hoje a situação está bem pior”

“Os países que já voltaram às aulas estão a usar a estratégia de fazer as aulas ao ar livre”

“A pandemia do medo é uma estranha regressão na liberdade de ser e estar”

corpo e do silêncio mas, ao mesmo tempo, vivendo a sedução das novas tecnologias. É uma cultura de facto híbrida. Diria que esta pandemia trouxe uma coisa extraordinária: como é que uma microestrutura, como um vírus, despertou a macroestrutura para grandes mudanças. Mudanças inesperadas para a saúde dos seres humanos e também na estabilidade das economias. E por isso convidava agora a escola a ter uma nova mensagem e a funcionar como um novo paradigma. Isto é: necessitamos de uma maior consciência ecológica e de uma visão mais comunitária, mais fraterna, no sentido de percebermos que, como espécie animal, só tivemos grande sucesso quando trabalhamos em grupo. As escolas têm que desenvolver

processos de convidar os seus alunos a poderem ser ativos, a poder ser ouvidos em função dos seus projetos pessoais numa perspectiva mais dinâmica, mais autónoma, em que os alunos deixam de ser crianças prisioneiras dentro de quatro paredes, em lógicas lineares de aprendizagem do conhecimento, reféns de corpos sentados e quietos, em silêncio, memorizando saberes que de algum modo são impostos.

E que, como sabemos, são esquecidos rapidamente.

Exato, porque são o resultado de uma escola reprodutiva e que usa a memória para avaliações que não têm sentido. Penso que se os conteúdos forem trabalhados com uma visão prazerosa, a brincar, e tornando as crianças ativas, serão melhor apreendidos. O homem não veio ao mundo para estar no sofá. E na escola não entra só o cérebro, entra o corpo todo. A escola tem que ter uma visão diferente de se tornar num

meio mais harmonioso entre o contacto com a natureza e a tal sedução da cultura digital. Obviamente, esta é uma nova forma de entender o ensino. Mas se virmos este regresso às escolas, com as medidas de segurança que estão a ser implementadas, os professores têm agora a oportunidade de ter menos alunos. E têm a oportunidade também de poder desfrutar de um clima excepcional que este país tem para poder fazer

as aulas no exterior, com mais entrega e trazendo mais curiosidade.

E o exterior será, provavelmente, sinónimo de mais segurança em termos de transmissão do vírus.

Exato. Isto já aconteceu no passado. Se olharmos para outras pandemias que existiram, vemos que as soluções foram deste tipo. Depois da tuberculose, na I Guerra Mundial, grande parte dos países nórdicos fazia aulas ao livre para evitar o contágio. Atualmente, se virmos os países que já começaram a fazer o trabalho do regresso às escolas, como é o caso da Dinamarca, da Suécia, da Austrália, etc., estão a usar estratégias desde a creche ao primeiro ciclo, principalmente a nível de primeiras idades, de fazer as aulas ao ar

livre. Isto pode acabar com as barreiras e com o aprisionamento.

Escreveu que a experiência dinamarquesa é uma inspiração. Pode resumir-la?

A ideia é que os conteúdos que fazem parte dos programas que estão definidos – ou que são organizados pelas equipas pedagógicas de cada instituição escolar – são predominantemente realizadas ao ar livre. E repare que são países que têm um clima muito mais austero do que o nosso aqui no sul. Dessa forma conseguem resolver os problemas do distanciamento e, ao mesmo tempo, dão a possibilidade às crianças de estarem a desfrutar do ar livre. Acho que o ensino ecológico é o futuro. E quando é necessário e oportuno, os dispositivos digitais têm toda a informação disponível. A ideia é essa: dar cada vez mais competências pessoais para as crianças serem capazes de resolver problemas complexos, terem capacidade crítica e saberem trabalhar em grupo. No fundo, são competências novas para um futuro novo. Sou otimista e acredito que é possível redescobrir e reinventar um novo mundo, social, político, escolar. E provavelmente o trabalho presencial e à distância vão agora começar a conviver e talvez haja mais tempo livre. Um dos problemas que temos na escola é que as crianças têm currículos extensos e intensos, têm o tempo demasiadamente formatado e há falta de tempo livre, de tempo para brincar e tempo para, de facto, se ser feliz na infância. A infância só se vive uma vez, e por isso tem que ser vivida com toda a profundidade. O que se trata é também da capacidade de as crianças se poderem confrontar com o medo, com o risco. A vida é um risco. E a pedagogia e o ensino em geral também têm que criar dinâmicas que sejam desafiantes para que as crianças aprendam coisas interessantes.

E que resolvam os problemas fora da redoma por si só.

Exato. Essa questão da pandemia do medo é também um assunto interessante de explorar do ponto de vista pedagógico. Estamos num tempo em que só se pode olhar e não tocar, em que o contacto físico quase é proibido. É um novo ciclo e temos de redescobrir formas para que as crianças se possam continuar a confrontar fisicamente, se possam tocar e abraçar. E espero que essas sensações possam reaparecer. Esta pandemia do medo é de facto uma estranha regressão

continua na página seguinte >>



Data: 22.05.2020

Título: Carlos Neto.

Pub:



Tipo: Jornal Nacional Diário

QuickCom
comunicação integrada

Secção: Destaque

Pág: 1;18;19;20;21;22;23

B Zoom // Entrevista

>> continuação da página anterior

na liberdade de ser, de estar, de existir, uma espécie de condicionamento humano que pode conferir ao contexto pedagógico uma regressão muito perigosa. Mas acho que vamos ser capazes de reinventar, com convicções educativas modernas, mais libertadoras, um novo modelo. Ainda que esta realidade possa ser assustadora, pode vir a trazer um caminho de paz em que seja possível conviver com as novas tecnologias e dar resposta às necessidades básicas do que é um corpo em movimento. É necessário combater este sedentarismo que se institucionalizou na vida dos portugueses. Uma grande parte das crianças não são ativas e isso tem efeitos muito nefastos para a saúde física – quer ao nível da diabetes, obesidade, doenças respiratórias... **E na saúde mental.**

Acima de tudo, estou preocupado com a saúde mental. Com o aumento da angústia, da depressão, da hiperatividade e déficit de atenção e com as tendências de suicídio. Os números mostram um aumento muito significativo nos últimos anos. É preciso evitar que tenhamos de facto uma decadência ainda maior do que aquela que já existia do ponto de vista da saúde física e mental.

Tivemos esta semana o início do regresso às creches, e as normas vão um bocadinho talvez potenciar essa ideia da pandemia do medo de que falava: agora temos crianças às quais dizemos que não se devem tocar, ou que os brinquedos já não são para partilhar. Isto em termos de crescimento pode acentuar características como o individualismo, o medo de estar com o outro?

Penso que as normas que foram emanadas para o regresso às creches pela DGS já foram relativamente suavizadas, porque é impossível impedir que as crianças se toquem. Diria que deixassem as crianças à vontade, porque de facto as questões de segurança em termos de contágio estão mais direccionadas para os adultos do que para as crianças. Sou um apologista de deixar as crianças brincar, preferencialmente ao ar livre, e deixar que se toquem como elas entenderem. Através do brincar livre as crianças têm oportunidade de despertar as forças do inconsciente. Brincar é um instrumento poderoso e robusto para que se possa crescer em compreensão da realidade complexa quer do próprio corpo quer da natureza que o envolve. E por-

tanto brincar é uma boa resposta para a incerteza que vivemos em relação à realidade biológica, social e cultural. Corpos ativos implica que se mexam com intencionalidade e que possa existir um confronto em circunstâncias diversas para permitir que haja mais imunidade, resiliência. Só assim é que vamos derrotar este vírus.

Sugere então que se brinque, contra o medo, contra a pandemia.

Só assim é que vamos ser capazes de lutar contra esta microestrutura que nos apareceu de forma surpreendente. Brincar é uma experiência fascinante que permite mobilizar estruturas internas e externas, tendo em vista no fundo o conhecimento de grande complexidade. O corpo em movimento é um mediador de assimilação de mecanismos sensoriais, motores, simbólicos e sociais que estabelecem a base da expressão das estruturas linguísticas, lógico-matemáticas, relacionais, etc. É necessário que as crianças se confrontem também com a incerteza, porque elas podem aprender pelo ensaio e erro. As crianças vêm preparadas para resolver os seus problemas e ultrapassá-los. Os adultos apenas constroem contextos e são facilitadores da aprendizagem. Os adultos deveriam, no fundo, dar os meios e os contextos para permitir que as crianças se possam apropriar em função das vocações, tendências e talentos de que são portadores. **E tal não acontece no sistema de ensino atual?**

O que fazemos na escola tradicional é que antes de elas manifestarem os seus talentos nós já lhes estamos a ensinar coisas muito precoces. Portanto brincar é uma excelente forma de conquistar imunidade, conhecimento, e o meio

“Estamos a viver um período de transição (...) entre regressar à natureza e a sedução das novas tecnologias”

“Brincar é uma boa resposta para a realidade de incerteza que vivemos (...) Corpos ativos trazem mais imunidade”

A receita para o sucesso e para formar crianças e jovens mais saudáveis física e mentalmente assenta numa premissa simples: brincar muito, preferencialmente ao livre



o brincar como um instrumento poderoso. Diria mesmo que é tempo de decretar o estado de emergência do brincar na infância para superar esta pandemia. E quando for possível o regresso às escolas, devolver a potencialidade do tempo e espaço a brincar de forma significativa. Brincar é treinar para o incerto, para o imprevisível, para a sociedade. Deixem as crianças brincar para aprender de forma mais significativa.

Isto reveste-se de mais importância em alguma idade em concreto?

Estou a falar principalmente nas primeiras idades: não é obrigatório que as crianças aprendam a ler, escrever e contar em idades de quatro, cinco anos. Elas têm muito tempo para aprender. O ser humano é o único animal que tem uma infância muito longa, que tem muito tempo para fazer essas aprendizagens.

E a construção dessa nova metodologia de ensino pode fazer-se com os recursos humanos que já existem? Os professores e auxiliares estão abertos a esta mudança?

Portugal tem que despertar para um novo paradigma de ensino. Acredito muito nos professores, os professores são uns verdadeiros heróis. E serão capazes de reinventar novas formas, novas metodologias e, juntamente com os seus alunos,



Data: 22.05.2020

Título: Carlos Neto.

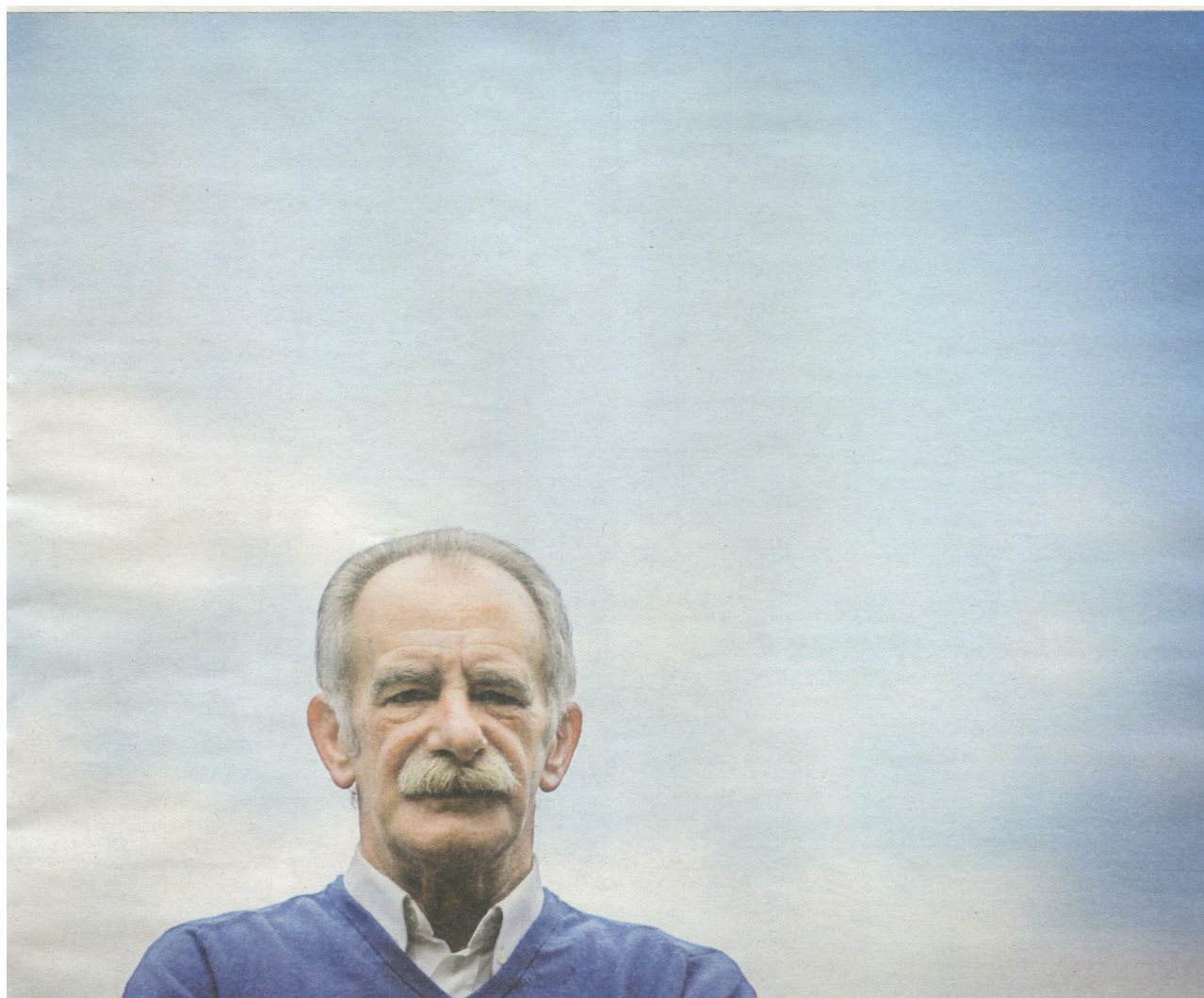
Pub:



Tipo: Jornal Nacional Diário

Secção: Destaque

Pág: 1;18;19;20;21;22;23



vão ser construtores de conteúdos a aprender, e de competências de natureza social, motora e cognitiva. Mas competências baseadas nos afetos, nos sentimentos. Ainda que estejamos a viver uma fase incógnita entre esta confrontação de um mundo digital e ao mesmo tempo de um corpo que necessita de sobreviver e de se adaptar, eu julgo que os professores serão capazes de desenvolver uma escola que se baseia mais no prazer do que na obrigatoriedade de aprender, numa

escola que seja alternativa à escola a tempo inteiro, que tenha mais equilíbrio entre o tempo formal e o tempo informal, e com mais tempo livre. E que, através das memórias e das experiências vividas de forma individual e coletiva, possam aprender coisas significativas para o futuro que vai ser completamente incerto. Está a haver uma verdadeira revolução em várias ciências, como é o caso da IA, da genética, das neurociências, da robótica. Temos que preparar estas crianças desde já para esse novo mundo.

E o que se pode fazer já?

Há já muitas metodologias novas, que são baseadas na criança como centro da aprendizagem. São baseadas em pedagogias participativas. Temos muitas experiências interessantes em Portugal: recorde-me da escola da Ponte, do movimento da escola Moderna, da escola Rechlini, que é muito interessante com a sua perspectiva inclusiva centrada na pedagogia Waldorf, por exemplo. Há muitas metodologias alternativas em que se podem basear. Não podemos viver com esta desconfiança do outro e temos que ter uma visão mais coletiva, mais comunitária. Uma alternativa que permita que as crianças sejam mais ativas no próprio processo pedagógico. Devíamos iniciar

em larga escala uma estratégia de participação comunitária para mobilizar a família, a escola e a comunidade no sentido de que as aprendizagens tenham níveis de cidadania, níveis de consciência ecológica, e também obviamente as políticas públicas. É urgente a elaboração de um plano de urbanismo participativo e também o que eu chamaria de construção de laços sociais e uma participação das crianças em projetos quer na escola, quer na comunidade. No fundo, estamos aqui a falar não só da participação urbana mas também daquilo que serão as dinâmicas de organização comunitárias em que todos possam ensinar e aprender. Uma escola nova. **Mas passar tudo isso para a prática é um desafio hercúleo.**

É um grande desafio. É preciso que equipas pedagógicas e as escolas consigam trabalhar em conjunto, saibam encontrar soluções novas e diferentes em termos de práticas quer no âmbito das ciências mais básicas, das expressões artísticas, da atividade física, de modo a tornar as crianças mais felizes. É inaceitável que Portugal com a sua cultura, a sua história e o seu clima tenha crianças confinadas dentro de quatro paredes, confinadas, prisioneiras.

Durante o estado de emergência as crianças terão estado certamente mais paradas, e com mais acesso a computadores e afins. Vai ser um desafio maior para estas crianças voltar à escola e terem vontade de brincar na rua ou, por outro lado, vão ter tantas saudades de uma coisa que lhes estava vedada que até vão querer brincar mais na rua?

Essa é uma pergunta muito interessante e obrigado por a ter colocado pelo seguinte: estou muito preocupado com os níveis de sedentarismo. Assistimos nas últimas décadas a uma catástrofe do ponto de vista das competências e da literacia motora. As crianças que agora estiveram confinadas durante estes dois meses e meio acumularam provavelmente muitas energias e tiveram muito pouca oportunidade de os seus corpos poderem ter sido ativos. Tenho a expectativa de que, quando elas regressarem, queiram de facto ter mais desafios, mais situações inabituais e que queiram mexer mais o corpo. Os dados que temos de obesidade são lamentáveis. Temos que dar mais valor aos conteúdos relacionados com a expressão motora, a expressão plástica, tudo aquilo que é a área das artes. A educação físi-

“É inaceitável que Portugal, com a sua história, a sua cultura e clima tenha crianças confinadas dentro das salas”

“Os professores são uns verdadeiros heróis e serão capazes de reinventar novas formas de aprender”

Área: 4956cm² / 82%

Tiragem: 16.000

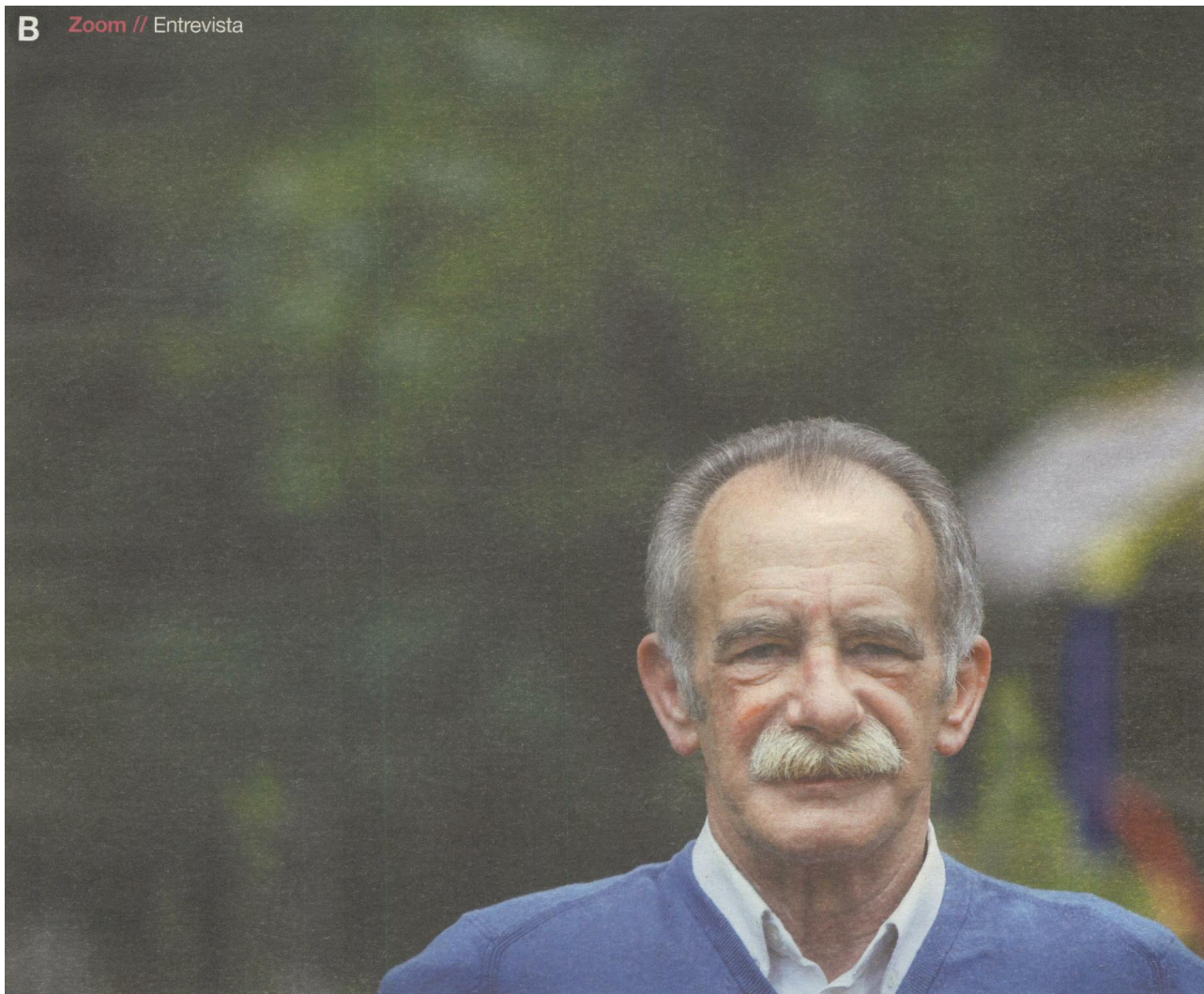
FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6847702



B Zoom // Entrevista



ca nunca teve um papel tão importante como atualmente. Se queremos ter capacidade de resiliência, se queremos cidadãos ativos, saudáveis, temos que valorizar o corpo dentro da escola. Por isso é que as minhas premissas se centram numa premissa inovadora que possa permitir que as crianças não estejam sentadas, quietas e em silêncio durante muito tempo na sala de aula. Trabalho há 47 anos com crianças, dos três aos 12 anos, e nunca vi tanto analfabetismo motor. Há crianças que não sabem saltar, não sabem correr. Chegam aos cinco, seis anos e não sabem atar os sapatos. É uma vergonha nacional esta pandemia da iliteracia motora que se instalou no país.

O que podem os pais fazer para combater esse cenário?

Há três estratégias fundamentais: em primeiro lugar, brincarem muito em casa com os filhos. Isso é absolutamente essencial, pegar em jogos tradicionais ou outros, há muitas formas de brincar em casa e agora os pais tiveram a oportunidade de se confrontar com essa situação.

Oportunidade e necessidade.

Exatamente, e havia muitos pais que não sabiam estar com os filhos e que agora

aprenderam que eles tinham necessidades que eles nem imaginavam. Por outro lado, é preciso restituir a rua às crianças. E, como alguns países já estão a fazer, é necessários as crianças terem mais autonomia na mobilidade: isto é, podem a partir de determinada idade ir a pé para a escola e vice-versa. Em terceiro lugar, é preciso brincar na cidade e as autarquias terão que encontrar formas de contribuírem com espaços ao ar livre – devolver a natureza à cidade, diminuir o tráfego, tornar a cidade mais alegre e prazerosa para que convide o cidadão a usufruir do espaço. Isto vai ser um processo progressivo, que vai levar algum tempo. E vai demorar algum tempo até que esta pandemia esteja controlada, mas penso é preciso começar já em casa a tornar as crianças mais ativas. E depois tornar a escola mais ativa para que haja mais saúde física e mental.

As famílias tiveram também neste período de confinamento que encontrar estratégias para conseguir alguma normalidade. Este trabalho de equipa, talvez inédito, pode trazer aprendizagens tanto para os pais como para os filhos?

Penso que esta experiência de confinamento foi uma experiência muito inte-

ressante quer para os pais, quer para os filhos. A experiência da escola em casa, tornando os pais professores, foi única e isso permitiu, em algumas circunstâncias, trabalhos prazerosos que as crianças fizeram com mais atenção. Por outro lado, tiveram a oportunidade de desenvolver mais literacia digital – como os pais, muitos em teletrabalho. Em certas famílias foi o inferno, para outras foi uma grande aprendizagem. E, por isso, no regresso às escolas provavelmente have-

rá uma tomada de consciência de quais são os objetivos da escola e quais são os objetivos da vida humana. Se formos capazes agora de termos mais consciência de que temos que abandonar uma visão mais egocêntrica do mundo e tornarmo-nos mais humildes, mais solidários e mais fraternais uns com os outros... No passado só tivemos sucesso como espécie humana porque trabalhámos em grupo, e de facto nas últimas décadas tratámos mal o presente, com um capitalismo selvagem e uma visão egocêntrica do mundo. Demos cabo de tudo. E este vírus tem aqui duas mensagens que me parecem importantes: a tal ideia de que uma micro estrutura abalou a macro. Por outro lado, uma mensagem divina, de termos que ser capazes de ultrapassar esta situação de arrogância para passarmos a ter uma vida mais humilde, com mais espiritualidade e com mais consciência do outro.

Está a ver o copo meio cheio: para algumas pessoas provavelmente isto pode ter causado cisão profunda e não terá esse significado.

Sim, claro que para muitas pessoas e crianças tem sido aterradorizador. Mas para outros foi um momento de redescobrir o que é estar em família. Posso

“Trabalho há 47 anos com crianças e nunca tinha visto tanto analfabetismo motor”

“Em certas famílias o confinamento foi um inferno, para outras foi uma grande aprendizagem”



Data: 22.05.2020

Título: Carlos Neto.

Pub:

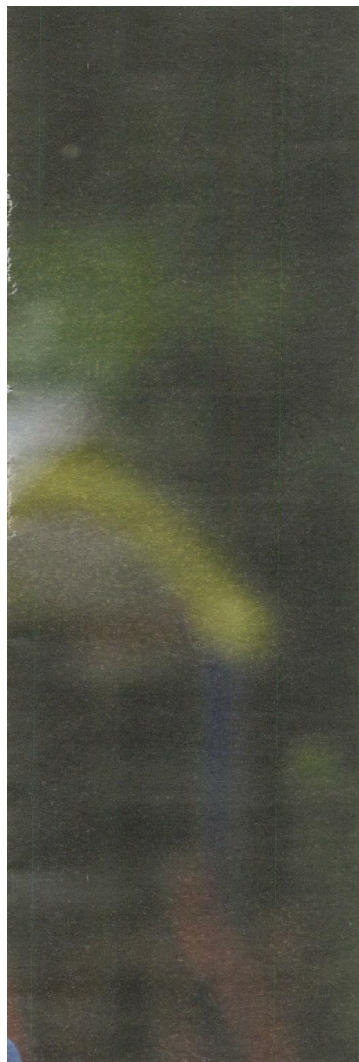


Tipo: Jornal Nacional Diário

QuickCom
comunicação integrada

Secção: Destaque

Pág: 1;18;19;20;21;22;23



Apesar de ter, durante o confinamento, adquirido algumas competências digitais que considera aliciantes, o professor admite que sente a falta de estar fisicamente com os seus alunos. "É a minha grande alegria", garante. Carlos Neto dá aulas há 47 anos

nando-a mais silenciosa, com mais consciência dos problemas, tentando usar este recurso de uma forma positiva e tornando as pessoas mais eficazes e felizes. Estou convencido de que isso vai acontecer na escola, porque não fazer uma parte do trabalho em teleconferência e a outra parte presencial? Isso pode ser muito interessante, assim como para as empresas. No futuro muitas das profissões vão desaparecer e o mundo daqui a 20 anos vai mudar muito. A robótica vai mudar tudo. Vivemos neste momento numa situação paradoxal: tentamos humanizar os robots e por outro lado robotizar a vida do homem.

Tem dado muitas palestras em casa e participado em muitas discussões através da internet. Foi fácil para si adaptar-se a este novo paradigma ou era algo que já estava habituado a fazer?

Não tinha grande experiência e o meu trabalho tem sido intenso nos últimos dias, principalmente a partir do mês de abril, e foi para mim uma aprendizagem aliciante. Mas devo confessar que me falta a confiança de estar perto, falta-me estar olhos nos olhos, o contacto. A inspiração é mutilada pelo facto de eu não ter os meus interlocutores, os meus alunos, quer da universidade quer os outros com a escolaridade dos 3 aos 12. Faltam-me os corpos, o confronto corporal. Falta o abraço e a emoção. E essa questão para mim é enigmática: nós não podemos eliminar o contacto físico. O contacto físico é uma categoria absolutamente essencial na vida humana.

Como vai fazer nos próximos tempos? Continua a dar aulas na faculdade?

Estou a cerca de oito meses da minha reforma, tenho 69 anos e continuo a trabalhar com os meus alunos dos diversos cursos, de licenciatura, mestrado e doutoramento. E tenho duas ou três disciplinas nas quais, desde há cerca de 10 anos, uso o método original de formar os meus alunos em contacto directo com crianças. E a preparação de professores de educação física ou de dança, de técnicos de reabilitação psicomotora, etc. é feita de forma presencial. Este método para mim tem sido muito enriquecedor, muito valorizante para a minha pessoa, e julgo que também para eles. É uma forma de estar mais perto da realidade e de fazer um ensino que acho que tem mais validade ecológica, em vez de estarmos numa situação tradicional, numa sala de aula com o aluno sentado e o professor na sua cátedra a passar um *power*

point. Acho mesmo que há já mesmo mais experiências inovadoras no ensino em geral do que na universidade. A universidade continua presa a dinâmicas ancestrais com rituais conservadores e também tem que se reinventar. Esta mensagem de que falei também se deve reportar à universidade, que deve fazer um grande esforço no sentido de melhorar as perspectivas de ensino, investigação e trabalho em comunidade. Porque todo o saber que se produz na universidade deveria estar ao serviço das necessidades sociais.

Tem feito isso ao longo da sua carreira, porque entre os seus alunos é conhecido como um professor com humor. Ao que sei, pede aos alunos para deixarem as cábulas em cima da mesa no fim dos exames porque as coleciona.

Acho que estas formas de avaliação que ainda se utilizam são absurdas.

Mas é verdade que faz coleção de cábulas dos alunos?

Faço, tenho um museu de cábulas. Já leva 40 e tal anos. Acho que eles aprendem imenso quando fazem cábulas. O que não tem sentido é alunos que estão no ensino universitário e que trabalham apenas a memória para depois esquecer tudo.

Sendo alguém que defende tanto os afetos, como tem sido para si estar em confinamento?

Foi uma experiência a dois níveis. De forma individual foi uma forma de poder repensar a minha existência, de repensar o que significa estar aqui neste mundo, e por outro lado de fazer uma auto-crítica sobre toda a minha evolução, o meu percurso. E acima de tudo de dar mais valor à família como estrutura bási-

ca de toda a humanidade. Viver em família tornou-se uma experiência nova porque estamos de manhã à noite em conjunto e isso foi interessante. Não só lidar com o meu neto, que teve mais tempo disponível, mas também com o meu filho e a minha nora. Há uma reinvenção de estar a viver em família. Mais recentemente, quando comeci a ser assobreado de convites para fazer teleconferências, também foi uma experiência para a minha cultura digital. Pensar em como é possível transmitir via online a minha energia, as minhas convicções, as minhas ideias. E encontrar estratégias para as expressar à distância sem estar a ver pessoas cara a cara. Foi um desafio novo e gigantesco. Acho que se pode confiar e ter bom senso, e a pedagogia necessita urgentemente de bom senso. Penso que foi muito importante eu perceber que é possível conviver com uma vida com dispositivos digitais, com a nossa utilização inteligente, e ao mesmo tempo não perder de vista que a relação humana e com outros que é absolutamente essencial.

Já pensou na ironia de ter dedicado a sua carreira a investigar estes sistemas e a pedir às crianças para irem para a rua e que agora, no seu último ano antes da reforma, ter testemunhado a necessidade oposta?

Tenho-me interrogado muito sobre isso. Eventualmente já não vou ter possibilidade de regressar à escola de forma presencial, não só porque tenho uma idade de risco como, provavelmente, se este vírus se mantiver com esta agressividade, já não terei tempo antes da minha reforma de voltar aquilo que é a minha grande alegria, que é estar perto dos meus alunos universitários e das crianças. Com elas, aprendi imenso ao longo da vida. É óbvio que a minha opção por esta atividade profissional e pelo desenvolvimento motor, pelo brincar e por outros temas como o *bullying*, teve a ver com a infância que vivi e que acho que foi plena de prazer porque brinquei muito na rua, brinquei muito na cidade, brinquei muito na escola. E lamento que tenhamos chegado a uma situação paupérrima de qualidade de vida de crianças e adolescentes na sociedade atual, porque não têm espaço nem tempo para serem livres. Os prisioneiros têm mais tempo livre fora das celas do que têm as crianças em Portugal, que brincam menos de duas horas por dia. E é contra isso que estou a tentar lutar há muitos anos: libertar as crianças para serem felizes.

"Tenho um museu de cábulas dos alunos. Já leva 40 e tal anos. Acho que eles aprendem imenso quando fazem cábulas"

"[O confinamento] foi uma forma de poder repensar a minha existência e de fazer uma autocrítica"

dizer isto com convicção: um dos grandes problemas que temos em Portugal é que não temos uma harmonização entre o tempo que se passa a trabalhar, o tempo que se passa na escola e o tempo que se passa em família. Basicamente os pais não tinham tempo para os filhos. As famílias andavam exaustas, assim como os professores. Daria que houve consciência desse fenómeno antes da pandemia, e depois da pandemia houve a capacidade de perceber essas coisas. O regresso às escolas pode ser reinventado de forma apropriada aos tempos que estamos a viver. Estamos num estado de transição e de mudança para o futuro que, como já disse, é incerto.

O teletrabalho acabou por ser testado à força, mas para muitas empresas terá vindo para ficar. Acha que vai ser importante para harmonizar melhor os tempos de que falava e dar mais tempo aos pais para estarem com os filhos?

Já tinham existido algumas experiências anteriores em algumas empresas que demonstravam que mais equilíbrio no tempo de trabalho semanal tornava as pessoas mais produtivas. E provavelmente trabalhar desta forma é uma excelente forma de reinventar a sociedade, tor-

Área: 4996cm² / 82%

Tiragem: 16.000

FOTO

Cores: 4 Cores

ID: 6847702